

REVISÕES

*Emmanuele Amaral Santos**

Chego em casa e retiro, peça por peça, as histórias que não são minhas. O sapato é o primeiro que sai, gerando um alívio imediato do processo de descompressão do couro com a pele. Coloco o casaco no cabideiro atrás da porta e deito na cama para tirar a meia calça preta e a saia marrom. Aproveito para ficar um pouco no silêncio que vem depois de um dia cheio de vozes, risadas, teclas, bips, alarmes e sirenes. Respiro fundo, mas ainda sinto o peso de cada vírgula recolocada, de cada crase suspeita, de cada página riscada do dicionário de regências verbais. Mesmo que eu tente transformar todas aquelas palavras em caracteres passíveis de estarem na forma correta, eu não consigo.

Enquanto isso, bebo um chá, mas sinto um gosto amargo de café que flutua entre o reconfortante e a aspereza. Ainda bebo uns goles enquanto tiro a camiseta, os brincos e o colar. Ainda tento, peça por peça, retirar as informações da petição, do parágrafo e da dúvida. Tento não pensar na imagem das violências feitas pelas pessoas nelas mesmas, tento não colocar rostos nos nomes em negrito, tento não colocar cada um dos mencionados em seus devidos lugares de um tribunal e tento não assumir os suspeitos como culpados.

Me assombra que em algum lugar, aqueles caracteres se juntam e formam faces que não sei se verei algum dia. Algumas dessas pessoas não desejo encontrar de forma alguma, já outras, eu gostaria de saber sua versão dos fatos. Gostaria de ouvir a voz delas enquanto fazem seus depoimentos e saber se disseram aquilo de olhos marejados ou se o arrependimento não faz parte do seu processo de remissão penal.

* Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/7368855641608128>

Email: emmanuelesantos.ufsc@gmail.com

Justificativa: A partir de experiências paralelas ao exercício do Direito, como é o caso dos revisores de entidades jurídicas, a crônica apresentada reflete sobre o processo de redação jurídica bem como sobre a dificuldade de manter os limites pessoais e profissionais bem definidos, seja durante a escrita ou após o expediente. Através de uma certa subjetividade literária, a obra sobrepõe pensamentos sobre o fazer literário e o fazer jurídico, instigando a pensar onde eles se encontram, onde se distanciam e onde se friccionam. O texto também pretende ilustrar essa espécie de 'rotina dupla' que paira sobre os profissionais da área sendo igualmente representada pelo jogo de linguagem com a duplicidade semântica de palavras do campo jurídico, como 'peça' e 'acordo', as quais abrem espaço para que cada leitor interprete e 'revise' o texto a sua maneira.



Quando o chá acaba, levanto para lavar a xícara e vejo todas as histórias do dia fluindo através da água gelada que limpa a espuma lilás do detergente. Tanto a espuma quanto as histórias, escapam entre meus dedos e não tento guardá-las em mim, afinal, não sinto que são minhas, apesar delas me acompanharem no cotidiano, tão estranhamente.

Termino o dia sentindo que sou uma eterna revisora de mim mesma. Excluindo, ajustando e organizado todos os casos, textos, parágrafos e petições que passam por mim, enquanto isso, refaço o acordo silencioso de só deixar que as palavras passem, enquanto somente eu, fico.



v.7, n.2

